

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
- CAMPUS CABEDELO
COORDENAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

DIEGO MORAIS DE ARAÚJO

NOVAS FRONTEIRAS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A
EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DOS SECUNDARISTAS DO INSTITUTO FEDERAL
DA PARAÍBA - CAMPUS CABEDELO

Cabedelo - PB

2023

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
- CAMPUS CABEDELO
COORDENAÇÃO DO CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS
BIOLÓGICAS

DIEGO MORAIS DE ARAÚJO

NOVAS FRONTEIRAS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A
EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DOS SECUNDARISTAS DO INSTITUTO FEDERAL
DA PARAÍBA - CAMPUS CABEDELO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso superior de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal da Paraíba – *campus* Cabedelo, como parte dos requisitos para obtenção de título de licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jeane de Freitas Azevedo.

Cabedelo - PB

2023

DIEGO MORAIS DE ARAÚJO

NOVAS FRONTEIRAS SOCIAIS EM EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DOS SECUNDARISTAS DO INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA - *CAMPUS* CABEDELO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do curso superior de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal da Paraíba – *campus* Cabedelo, como parte dos requisitos para obtenção de título de licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jeane de Freitas Azevedo.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
JEANE DE FREITAS AZEVEDO
Data: 14/09/2023 11:30:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Jeane de Freitas Azevedo



Documento assinado digitalmente
FLAVIA MARCIA DE SOUSA
Data: 13/09/2023 14:57:27-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliadora interna: Prof^ª. M^ª. Flávia Márcia de Sousa



Documento assinado digitalmente
GEOVANIA DA SILVA TOSCANO
Data: 27/09/2023 08:19:47-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliadora externa: Prof^ª. Dr^ª. Geovânia da Silva Toscano

Cabedelo – PB, aprovado em 20 de dezembro de 2022.

A663n Araújo, Diego Morais de.

Novas Fronteiras Sociais em Educação: Um estudo sobre a experiência educacional dos secundaristas do Instituto Federal da Paraíba - *Campus Cabedelo* / Diego Morais de Araújo – Cabedelo, 2023.
19 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Biológicas) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – IFPB.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane de Freitas Azevedo.

1. Ensino médio. 2. Ensino técnico. 3. Desigualdade social. I. Título.

CDU 37.046.14

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Célia Regina, por todo apoio, carinho e amor durante minha jornada de vida.

A professora Jeane Azevedo, pelos preciosos ensinamentos desde o início do curso, com seu conhecimento brilhante a respeito da educação e da sociologia. A ela, serei sempre grato por todo apoio que me deu durante a escrita deste Trabalho.

A professora Márcia Viana, do IFPB *campus* João Pessoa, que cultivou em mim, sementes para que eu crescesse academicamente da forma que estou crescendo. Mesmo em *campi* diferentes, ela está comigo e, até os dias atuais, contribui para minha formação. A ela, meu carinho, respeito, amor e gratidão.

A professora Flávia Sousa, pelos ensinamentos dentro e fora da sala de aula, além do cativante carinho e cuidado com os estudantes. Uma das professoras que, se não fosse a pandemia, teria me aproximado e desenvolvido projetos e atividades acadêmicas.

Ao professor Helder Neves, pela dedicação com o curso, com os estudantes e pela sua relevante contribuição na minha formação: rígida, mas muito proveitosa. Levarei seus ensinamentos éticos para a vida.

Ao professor Thiago Ruffo, mesmo muito rigoroso, sempre se dedica ao máximo pelo melhoramento do ensino no âmbito do curso e pela formação de qualidade dos futuros professores.

Aos meus amigos e colegas, sem eles, certamente não estaria concluindo com êxito, talvez nem conseguisse concluir no tempo adequado. Em especial, agradeço a Millani Mendonça e a Ana Vitória Dantas, pela parceria imperecível durante toda essa jornada. Sem vocês, eu não teria conseguido.

A todas as pessoas não mencionadas aqui, mas que também contribuíram para minha formação, meu muito obrigado!

Por fim, sou grato pelas políticas públicas de expansão da educação de qualidade, que foram, em sua imensa maioria, conquistadas no Governo Lula e Dilma. Tenho orgulho em ter permanecido do lado esquerdo da história do Brasil: o lado da educação digna para as pessoas, do combate às desigualdades e da redução da pobreza.

Resumo

Fronteiras sociais são linhas que separam grupos. Elas podem ser espaciais e materiais; socioculturais e simbólicas. Na educação, são formadas no ambiente escolar, nas quais, as variações culturais, sociais e econômicas dos estudantes se colocam em evidência durante o processo de experiência educacional. Este estudo objetiva compreender como se constituem as fronteiras sociais no cotidiano dos jovens estudantes dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio no Instituto Federal da Paraíba - *campus Cabedelo*, discutindo o papel da educação na produção ou transposição delas. Como método de estudo, realizou-se uma pesquisa qualitativa, utilizando a técnica de Grupo Focal, com roteiro de entrevistas composto por três eixos temáticos: trajetórias estudantis; fronteiras sociais que os estudantes enfrentam no cotidiano e; experiências sociais de discontinuidades de trajetórias familiares. Foram realizados três grupos focais, com cerca de 15 estudantes em cada um. Durante as entrevistas, buscou-se discutir diferentes temáticas relacionadas ao processo educacional, sobretudo as dificuldades relacionadas ao cotidiano escolar. As entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas para texto. Os estudantes entrevistados não enxergam as dificuldades enfrentadas no cotidiano como uma problemática social e coletiva e sim, como problemas individuais, ao qual cada um deve resolver de acordo com sua própria capacidade. Durante as análises dos Grupos Focais, notou-se que os estudantes têm críticas sobre a Escola, mas elas são construídas de forma individualizada, mesmo que os problemas que as envolvem sejam sociais e coletivos.

Palavras-chave: Desigualdade social; Ensino Médio Integrado do Técnico; Grupo Focal;

New social boundaries in education: a study on the educational experience of high school students at the Instituto Federal da Paraíba - campus Cabedelo

Abstract

Social boundaries are lines that separate groups. They can be spatial and material boundaries; sociocultural boundaries and symbolic boundaries. In education, they are formed in the school environment, in which the cultural, social and economic variations of students are highlighted during the educational experience process. This study aims to understand how social boundaries are constituted in the daily life of young students of Technical Courses Integrated to High School at the Instituto Federal da Paraíba - campus Cabedelo, discussing the role of education in the production or transposition of these boundaries. As a study method, qualitative research was carried out, using the Focus Group technique, with an interview script composed of three thematic axes: student trajectories; social boundaries that students face in everyday life and; social experiences of discontinuities of family trajectories. During the interviews with the groups, we tried to discuss different topics related to the educational process, especially the difficulties related to the school routine. The interviews were recorded in audio and transcribed to text. The interviewed students do not see the difficulties faced in everyday life as a social and collective problem, but as individual problems, which each one must solve according to their own capacity. During the analysis of the Focus Groups, it was noticed that the students have criticisms about the school, but they are constructed individually, even if the problems that involve them are social and collective.

Key-words: Focus Group; Social inequality; Técnico Integrated Secondary Education.

1 Introdução

Os desafios da educação em uma sociedade marcada pela divisão de classes, evidencia os diversos cenários da educação escolar no Brasil, como um campo de desigualdades e oportunidades diferentes para cada grupo (Corares *et al*, 2021).

As sociedades ocidentais contemporâneas são contraditórias: ao mesmo tempo em que seu modelo social-econômico fornece condições históricas de reprodução das condições sociais de classe, impulsiona o individualismo entre as pessoas, depositando nelas a responsabilidade de criar e executar seus próprios projetos de vida. Nessa perspectiva, espera-se que ele deva desenvolver suas potencialidades para obter sucesso em suas jornadas pessoal, acadêmica e profissional, utilizando as suas potencialidades enquanto indivíduo. Essa cultura de imposição da responsabilidade individual, se traduz também no ambiente escolar.

No que tange o tema central desta pesquisa, as fronteiras sociais e simbólicas são estabelecidas na organização cultural e social em que a civilização vive, uma estruturação que privilegia a formação de grupos sociais constituídos de acordo com o ambiente em que vivem, famílias ditas como tradicionais, poder de compra e de posse, ambientes em que frequentam, espaços de lazer, entre outros.

As fronteiras separam o “nós” do “eles” e interrompem, circunscrevem ou produzem segregações na distribuição de populações ou de atividades dentro das sociedades. Essas fronteiras não são dadas, constroem-se, ultrapassam-se e desconstroem-se no tempo e com o tempo. Enquanto algumas já antigas são frequentemente estabilizadas, outras, mais recentes, podem ser mais flexíveis e são mais frequentemente questionadas (LABACHE & MARTIN, 2008, p. 335).

Fronteiras são corriqueiramente associadas como forma de divisões de territórios geográficos, utilizadas na demarcação de bairros e comunidades, cidades e estados e entre países. Rodrigues (2015, p. 2) ressalta que “fronteira não é mais considerada somente um limite físico ou político, desprovido de sujeitos e relações”, elas são mais que uma divisão de territórios, são formas de afirmações, expressões culturais, códigos sociais e costumes comuns, que os indivíduos expressam - dentre outros fatores - de acordo com o local em que estão inseridos, geralmente delimitado por alguma fronteira.

Para Barth (1969), uma fronteira consegue separar e, ao mesmo tempo, possibilitar trocas entre comunidades que são diferentes. Fronteiras podem ser um marco separatório na sociedade, mas os próprios indivíduos podem rompê-las por meio de emancipações, como a conquista de um diploma em uma universidade, por exemplo.

A sociedade fornece códigos aos indivíduos, que na realidade, são diretrizes comportamentais, estéticos e de posse, isto é, eles transmitem a postura adequada a ser adotada em determinados ambientes, define diretivas com padrões de beleza, incentivam posse de produtos e contratação de serviços com altos valores e *status* agregados, como forma de afirmar pertencimento a determinados grupos (SAINT-MARTIN; GHEORGHIU, 2010).

As fronteiras sociais podem ser percebidas de forma efetiva nos processos educacionais, nos quais as variações culturais, sociais e econômicas de estudantes se colocam em evidência durante o processo pedagógico. No ambiente educacional em que o indivíduo está inserido, ele procura, dentre outras demandas, ter um bom desempenho acadêmico, para assim, viabilizar conquistas almeçadas durante a vida. Pierre Bourdieu (1997) tratou bem dessas variações culturais na escola, ao tratar do conceito de “capital cultural”, mostrando que o sistema escolar opera de forma a separar alunos detentores daqueles que são desprovidos de capital cultural, gerando fronteiras sociais entre esses dois grupos. O sistema escolar gera, assim, diferenças que contribuem para criação de barreiras no contexto escolar, em que pode-se observar diferenças sociais que impactam no processo pedagógico dos estudantes.

No ambiente escolar, esses códigos podem ser percebidos dentro e fora da sala de aula, pois percebe-se que eles têm ligação familiar e comunitária, possuem raízes no ambiente em que o indivíduo está inserido, sendo aprendidos e reproduzidos dentro e fora do ambiente familiar. Também são relevantes na contribuição para criação de fronteiras sociais, que podem ser traduzidas dentro do ambiente acadêmico.

Embora as desigualdades sociais sejam amplamente discutidas na comunidade acadêmica, sobretudo na área de sociologia e suas ramificações, a abrangência de estudos sobre a perspectiva dos jovens estudantes no ensino médio da rede federal, ao concluírem a fase da educação básica, técnica e tecnológica, exprimindo a temática de fronteiras sociais, ainda é pouco extensiva. Elucidar o papel do jovem na sociedade é fundamental para traçar estratégias e políticas públicas voltadas a eles e a sua participação no meio social, como modo de viabilizar exitosamente, seu desenvolvimento acadêmico, profissional e social.

A análise das tensões presentes no cotidiano dos alunos abrange questões sobre o cotidiano dessa categoria social, sobre a cultura escolar na contemporaneidade e do sistema educacional brasileiro, questões fundamentais para a transformação social e cultural que o Brasil necessita para o novo milênio.

Com este estudo, objetiva-se compreender como se constituem essas fronteiras sociais no cotidiano dos jovens estudantes dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio (ETIM), em Multimídia e em Recursos Pesqueiros, no *campus* Cabedelo do Instituto Federal da Paraíba, bem como

discutir o papel da educação na produção ou transposição dessas fronteiras, no contexto de um Instituto Federal de educação pública, onde diversas classes sociais encontram-se na sala de aula.

2 Fronteiras sociais: notas introdutórias

Em termos geográficos, quando se fala em “fronteira”, é necessário mencionar a amplitude de “território” e “territorialidade”, pois ela não se resume apenas a divisões mapeadas cartograficamente somente com a finalidade de separar unidades espaciais (SILVA; TOURINHO, 2017).

Território conceitua-se próximo à categoria de poder, nos sentidos: político - inclusive políticas públicas -; de dominação - conceito mais concreto, vinculado ao poder de posse e valor monetário -; e apropriação - conceito simbólico, baseado em raízes históricas e vivências, todos relacionados a seus espaços, costumes e culturas (HAESBAERT, 2004). Nesse sentido, “é interessante observar que, enquanto ‘espaço-tempo vivido’, o território é sempre múltiplo, ‘diverso e complexo’, ao contrário do território ‘unifuncional’ proposto pela lógica capitalista hegemônica” (HAESBAERT, 2004, p. 02). Ainda seguindo a linha de pensamento do mesmo autor, pode-se afirmar que “território” desdobra-se em conceitos concretos e funcionais, ao mesmo tempo em que subjetiva-se conceitos simbólicos e culturais.

Os estudos sobre fronteiras sociais não se limitam somente à descrição de sua existência, formas e funções, eles também analisam os processos de sua constituição e suas modelações. Como já mencionado, a sociedade fornece códigos comportamentais a seus indivíduos, esses códigos efetivam as barreiras que formam-se entre cada grupo, determinando o que é proibido ou permitido fazer, para pertencê-lo (SAINT MARTIN *et al.*, 2007).

A importância central desse tema tem sido atribuída à vida cotidiana e àquela parte da educação que ocorre fora do sistema escolar, particularmente no seio da família e das associações (igrejas, redes sociais...), nas famílias uma parte essencial dos códigos morais é produzida e aprendida. Esta parte da aprendizagem permite não só a integração na sociedade como indivíduo, mas também a integração na sociedade por pertencer a uma categoria e diferenciação com outras. Ao aprender sobre os códigos sociais, os indivíduos adquirem uma parte essencial do que é necessário para a sua participação e cooperação entre membros de diferentes grupos, essa aprendizagem possibilita identificar o ponto de vista compartilhado e se posicionar no espaço social (SAINT MARTIN *et al.*, 2007).

Para Fredrik Barth (1969), uma fronteira afasta e autoriza trocas entre duas unidades que se reconhecem mutuamente como diferentes. A ideia de fronteira permite refletir sobre a manutenção e recomposição da distância entre grupos de uma determinada sociedade. Saint Martin (2007) afirma que elas separam o “nós” do “eles”, produzindo segregações na partilha de populações e nas atividades das sociedades, essas demarcações simbólicas ultrapassam questões físicas, vão além das tarefas morais, éticas, políticas e cognitivas.

A identificação das fronteiras sociais é essencial para a compreensão dos conflitos sociais. A forma de perceber e de transgredir essas fronteiras estão ligadas às trajetórias coletivas e individuais, assim como as histórias dos diferentes grupos de pertencimento (SAINT MARTIN *et al.*, 2007). Isto é, segundo a classe, o gênero, a nacionalidade, a origem e a geração dos indivíduos e grupos que experimentam diferentes formas de mobilidade, rupturas e recomposições sociais.

2.1 Aspectos geracionais das fronteiras sociais

Falar de fronteiras sociais hoje, não é o mesmo do que falar nos anos 1930, 1960 ou 1990. Isto, porque, cada época apresenta questões próprias ligadas às classes sociais, gênero, religião, etc. Para compreendermos as fronteiras sociais que os jovens vivenciam na atualidade é preciso entender o “espírito do tempo” e as barreiras a ele ligadas.

Para isso, cabe aqui lançar mão do conceito de geração, que permite uma melhor compreensão dos jovens estudados, sobretudo por se tratarem de estudantes do ensino médio, que se encontram em meio ao processo de formação cidadã sendo, portanto, postos diante deste novo tempo.

Portanto, antes de discorrer a respeito da geração a qual pertencem os participantes desta pesquisa, é pertinente discutir sobre a geração a qual

Portanto, antes de discorrer a respeito da geração à qual pertencem os participantes desta pesquisa, é pertinente discutir sobre o conceito de gerações. Em poucas palavras, Gosseries (2017, p. 12) define

geração como um “conjunto de pessoas nascidas durante o mesmo período”. Historicamente, são compreendidas de acordo com fatos históricos que marcam essas gerações (o início ou o fim delas).

Fazendo um panorama da história recente, Santos (2011) considera que a geração *Baby Boomers* é composta principalmente por pessoas que nasceram entre 1948 a 1963; a geração X, entre 1964 a 1977; a geração Y entre 1978 a 1994 e; a geração Z, a partir de 1995.

A geração *Baby Boomers* é marcada pelo período de guerra e pelo aumento dos movimentos feministas. São compostas por pessoas que receberam instruções com regras rigorosas em relação a disciplina no meio social e familiar e a obediência:

São pessoas que não se abrem muito para questionamento e a principal preocupação está na busca pela estabilidade no emprego. Colocam a carreira acima de tudo e se adaptam em qualquer organização, porém, é uma geração que está saindo do mercado de trabalho (SANTOS *et al*, 2011, p. 02).

Após este período, surge a geração X, composta por pessoas que ainda mantêm um certo nível de conservadorismo, mas uma geração marcada pelo início da flexibilização de alguns conceitos e costumes sociais, como pais separados e mães que trabalham fora:

(...) trata-se de uma geração que presenciou a Guerra Fria, a queda do muro de Berlim, o surgimento da *AIDS* e as mudanças de conceitos. Viveram a expansão tecnológica e assistiram ao início da decadência de padrões sociais. [...] Como profissionais, essa geração valoriza o trabalho e busca ascensão profissional. (SANTOS *et al*, 2011, p. 02).

Posteriormente, a geração Y, que é marcada pelo surgimento da tecnologia digital e início do contato dela com pessoas comuns (que não sejam militares ou grandes corporações), é uma geração que “não viveu nenhuma grande ruptura social, vive a democracia, a liberdade política e a prosperidade econômica” (SANTOS *et al*, 2011, p. 05). Devido a aceleração dos meios de produção, são pessoas com menos paciência e com mais distrações, mas possuem facilidade em acesso às novas informações. Santos (2011) destaca que essas pessoas sentem-se mais sensíveis com as injustiças, evidenciando maior preocupação com direitos humanos, em comparação a gerações anteriores. Em contrapartida, a geração posterior a esta, tem aspectos de conformismo mais evidentes, que serão discutidos a diante.

2.2 Compreendendo a Geração Z

Na atualidade, adolescentes em média de quinze a dezessete anos, nasceram em um cenário em que as pessoas ao seu redor, já têm acesso às tecnologias da informação de forma direta ou indireta, tais como computadores, *smartphones* e os aplicativos chamados 2.0. Essa é a geração Z – ou nativos digitais – composta por pessoas que nasceram a partir do final da década de 1990. Devido ao surgimento da demanda tecnológica nessa era digital, esses indivíduos sentem-se familiarizados com os meios e instrumentos digitais e, para eles, isso é integralizado ao seu cotidiano de forma natural (KÄMPF, 2011).

Sobre as formas de interações da nova geração, as Tecnologias de Informação e Comunicação vêm transformando as relações sociais, com isso percebe-se o aumento nas interações *online* e diminuição de interações *offline*. O mesmo ocorre nos momentos de estudo dentro e fora da escola, nos quais os estudantes fornecem máxima prioridade aos meios digitais para obtenção de conhecimentos (PASSERO *et al.*, 2016). Sobre o uso excessivo desses meios, Passero *et al.* (2016), afirmam:

Ao usar o computador ou celular, somos constantemente notificados sobre o que acontece no mundo, publicações que nos envolvem, mensagens recebidas, atualizações de aplicativos etc. Esse “bombardeio” de informações digitais afeta nossa concentração e prejudica seriamente nossa capacidade de aprender (PASSERO *et al.*, 2016, p. 3).

Setzer (2014) indica em seus estudos, diversas problemáticas que jovens dessa geração estão sujeitos, como excesso de peso e obesidade, problemas de atenção e hiperatividade, intimidação a colegas (*bullying*), prejuízos para leitura, depressão e medo. Ele menciona que com seu uso excessivo,

os meios eletrônicos aumentam as chances de a criança/adolescente de desenvolver sobrepeso e outras doenças, bem como atitudes antissociais, o que podem aumentar as possibilidades de desenvolvimento de depressão, devido às consequentes frustrações, como durante um jogo de *videogame*, por exemplo. Para embasamento das afirmações, ele cita um estudo realizado em 1998, com 73 lares, durante os dois primeiros anos em que tiveram acesso à internet:

Eles fizeram avaliação do envolvimento social e do bem-estar psicológico antes de começarem a pesquisa, e depois de 12 e 24 meses de uso da Internet; os dados de uso da Internet foram obtidos por meio de *software* que detectava quando um dos sujeitos a estava usando, fazendo a totalização para o número de horas por semana. [...] Os resultados desta pesquisa proveem um quadro surpreendentemente consistente das consequências do uso da Internet. Um maior uso dela foi associado com diminuições estatisticamente significativas no envolvimento social medido pela comunicação com a família e o tamanho do círculo social das pessoas, e com aumento no isolamento, um estado psicológico associado com envolvimento social. Maior uso da Internet também foi associado com um aumento na depressão (Setzer, 2014, não paginado).

A violência simbólica também é parte integrante da geração Z, mascarada muitas vezes como “humor” por meio de piadas, vídeos e imagens consideradas “engraçadas”, ela está presente cotidianamente nas redes sociais, e assume um importante papel na produção e disseminação de estereótipos e estigmas: “o estigma, assim, é uma marca que é construída como «negativa» pelo grupo e que caracteriza a identidade do Outro e da qual este não consegue libertar-se. É [...] percebida também em relação àqueles que não a possuem” (RECUERO, R.; SOARES, P. 2013, p. 241). As redes sociais são, portanto, o lugar ideal de sementeação de estigmatizações sociais.

Ainda de acordo com Recuero e Soares (2013), a violência simbólica, resultado da naturalização das relações de poder e imposição da ideologia por meio do discurso, também pode se manifestar silenciosamente ou, de modo que a vítima não reconheça a violência em si, muitas vezes, disfarçada de humor nas redes sociais:

É justamente na percepção dos estereótipos e no reforço deles que o sentido do humor muitas vezes reside. A graça de uma piada é muitas vezes experimentada diante de características estereotipadas e vistas como negativas dos outros. Assim, uma piada de «português», por exemplo, apenas é engraçada porque fala ao estereótipo associado ao grupo, ao estigma desabonador construído pelo discurso sobre a nacionalidade. Assim, o humor também tem um papel frequentemente associado à violência” (RECUERO, R.; SOARES, P. 2013, p. 241).

Em associação ao uso excessivo dos meios digitais e redes sociais, como o Instagram, os jovens elevam essas ferramentas a um alto nível de importância em seu meio, utilizando parâmetros de comparações entre si e os demais, com base nas postagens das redes sociais – que é um filtro da vida de cada pessoa, pois, comumente posta-se momentos e conquistas positivas, que mesmo sendo uma das fases da vida, fica registrado como se fosse parte do cotidiano, levando as pessoas, mesmo que involuntariamente, a considerarem que sua vida é menos interessante ou até mesmo feliz, em relação a outra (MOROMIZATO *et al.*, 2017).

Na sala de aula, é cada vez mais comum os professores terem que competir com os *smartphones* dos estudantes e seus aplicativos de mensagens instantâneas, redes sociais, músicas e até *streaming*. Em seu estudo, Guerin *et al.* (2018) afirmam:

A ascensão da tecnologia e a facilidade de acesso aos dispositivos móveis e à internet, têm ocasionado mudanças no processo de ensino e aprendizagem, bem como, na forma dos adolescentes viverem e se relacionarem. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que a Geração Z possui diversas características oportunas, principalmente quando nos referimos ao processo de ensino e aprendizagem, porém, devem ganhar a atenção das comunidades educacionais a fim de otimizar as atividades escolares e obter um melhor aproveitamento das particularidades que foram abordadas pelos estudos citados na presente pesquisa (GUERIN *et al.*, 2018).

Abrir o diálogo para discutir as ferramentas digitais que cercam a sociedade, auxilia na caracterização desta nova geração e como as relações sociais se estabelecem no âmbito *online* e *offline*.

3 Compreendendo o campo de estudos: um breve histórico da Rede Federal de ensino na Paraíba

A Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica, foi criada no início do século XX, com finalidade de capacitar jovens por meio de cursos, para serem inseridos no mercado de trabalho, sendo assim, úteis à pátria republicana que acabara de ser constituída. Com a República proclamada, sem participação popular, fazia-se necessário construir uma nova identidade de regime para a nação, justificando a necessidade do poder recém-instituído. Associado a isso, a imprescindibilidade de se expandir o ensino e o alfabetismo ficava cada vez mais em evidência, demandando a construção de Escolas por todo o país.

As mudanças que aconteceram no País desde o fim do trabalho escravo, passando pela Proclamação da República e pela intensificação do processo de urbanização de algumas cidades, fizeram surgir perspectivas de desenvolvimento na direção da industrialização (CANDEIA, 2013, p. 59).

Dialogando com o conceito de que, com inteligência e amor, se ensina pela pátria, a Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba (EAAPB) - bem como as de outros estados - foi criada em 23 de setembro de 1909. Para Candeia (p. 173, 2013), “a escola é, por definição, um lugar específico de sistematização e ensino de determinados saberes”, em torno desse conceito, a EAAPB empregava diretrizes de ensino, para preparar jovens que eram socialmente excluídos e economicamente desprovidos de recursos, à racionalidade do trabalho e da configuração da nacionalidade brasileira republicana.

A Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba perpetuou até 1942, quando foi publicada a Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, dando nova organização ao então Ministério da Educação e Saúde, criando assim, o Liceu Industrial da Paraíba e dando fim a primeira era da rede federal de educação profissional, científica e tecnológica.

Com o Decreto-Lei nº 4.127, publicado em 25 de fevereiro de 1942, o então Liceu Industrial Paraibano passa a se chamar Escola Industrial de João Pessoa, ministrando os cursos industriais e os cursos de mestria, de que trata o regulamento referido no artigo anterior, e a que possam satisfatoriamente atender as suas instalações.

Já em 1958, a lei nº 3.412, de 18 de junho, muda o nome da Escola Industrial, que passa a se chamar Coriolano de Medeiros, em homenagem a este diretor pela sua relevante contribuição à instituição.

Sete anos após, já durante a ditadura militar, a Lei nº 4.759, de 20 de agosto de 1965, extingue a Escola Industrial, dando lugar a Escola Técnica Federal da Paraíba.

Com o Decreto Presidencial de 22 de março de 1999, a Escola Industrial deu lugar ao Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba. O Estatuto da referida Escola, aprovado pelo Decreto nº 2.855, de 2 de dezembro de 1998, fica mantido para o Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba, até sua revisão no prazo de dois anos.

E por fim, com a Lei nº 11.892, publicada em 29 de dezembro de 2008, cria-se o atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba.

Com o passar do tempo, sobretudo na denominação e missão atual dos Institutos Federais, a Rede continua com objetivo técnico, de preparar jovens por meio de cursos profissionalizantes para o mercado de trabalho já após a finalização do ensino médio. No entanto, os dados do INEP mostram que o desempenho dos estudantes egressos da Rede Federal é satisfatório, demonstrando assim, que a maioria deles, não vão diretamente para o mercado de trabalho após o curso técnico integrado ao médio e sim, ingressam no ensino superior, almejando novas conquistas acadêmicas (Suhet, 2017).

Moura, *et al* (2015) destaca que os Institutos Federais são:

(...) instituições reconhecidas como de qualidade nas periferias das capitais e em regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos. Isso significa a ampliação das

possibilidades de muitos brasileiros terem acesso a uma educação de qualidade, posto que, atualmente, são poucas as redes estaduais com condições para garantir esse direito à população, apesar de ser responsabilidade dos estados a universalização do acesso ao ensino médio (MOURA, *et al.*, 2015, p. 18).

Isto posto, a Rede Federal, é também um objeto de emancipação para os indivíduos de grupos sociais mais vulneráveis, que associado a boa estrutura física das suas unidades, corpo docente qualificado e Política de Assistência Estudantil, assume protagonismo também na diminuição das desigualdades no Brasil.

3.1 Sobre o *campus* e o município de Cabedelo (PB)

Um ano após a publicação da Lei nº 11.892/08, que instituiu a Rede Federal de Educação Científica e Tecnológica (BRASIL, 2008), foi criado o atual *campus* Cabedelo do IFPB. No tempo presente, o *campus* conta com os cursos técnicos em Informática para Internet, Meio Ambiente, Multimídia, Panificação, Química e Recursos Pesqueiros. Na graduação, são ofertados Licenciatura em Ciências Biológicas e Tecnólogo em Design Gráfico. Na pós-graduação, o *campus* oferta dois cursos na modalidade de Educação a Distância (EaD), são eles: Docência para a Educação Profissional e Tecnológica e Línguas Estrangeiras Modernas.

O *campus* encontra-se em uma região com características bastante específicas, situado na cidade de Cabedelo, o município possui a maior economia do estado da Paraíba, de acordo com a pesquisa mais recente do IBGE (2019). A dinâmica econômica do município é assentada principalmente na atividade portuária, no comércio, no mercado imobiliário e na indústria de transformação. Além destes, Cabedelo conta com atividades de hospedagem, alimentação e lazer ligadas ao turismo. Em 2019, o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* da cidade era de R\$43.115,89, maior que o da capital do estado, que no mesmo ano, possuía R\$25.768,09.

Em contrapartida, a cidade apresenta índices próprios de regiões periféricas no que se refere aos serviços de infraestrutura urbana, saúde e educação. Embora a taxa de escolarização seja de 97,3%, a cidade ocupa o 122º lugar no *ranking* estadual de matrículas escolares no ensino básico (IBGE, 2010), o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) dos anos iniciais do ensino fundamental possui nota 5,0 e a cidade fica na 87ª posição estadual, a nota do Ideb dos anos finais do ensino fundamental é menor, marcando 4,1 pontos, posicionando-se no 78º lugar na comparação estadual. No ensino médio, a pontuação do Ideb é ainda mais baixa, marcando uma nota de 2,9 (IBGE, 2019).

O município é o ponto de partida da Rodovia Federal BR-230, a Transamazônica, que corta a cidade em linha reta e separa a área urbana em duas: zona leste, que é o mesmo lado da praia e a zona oeste, que fica às margens do Rio Paraíba e é caracterizada por ser a região habitada por famílias mais modestas, que dividem espaço com as indústrias.

4 Método da pesquisa

Para dar conta da forma como os jovens percebem as fronteiras sociais enfrentadas em seu cotidiano escolar, o projeto lançou mão da técnica de Grupos Focais. Para a realização dos GFs, o roteiro de entrevistas foi composto por três eixos temáticos, a saber:

1. As trajetórias estudantis
2. As fronteiras sociais que os estudantes enfrentam no cotidiano
3. As experiências sociais de descontinuidades de trajetórias familiares

Os grupos focais previstos no projeto de pesquisa totalizavam 9 turmas do ensino médio. No entanto, durante a execução do projeto, muitas foram as dificuldades enfrentadas para a reunião desses estudantes durante o período de ensino remoto. Seja porque os alunos recrutados não cumpriam com o

compromisso firmado de comparecerem às salas do Google Meet, seja porque as ferramentas digitais que eles usaram eram precárias, sobretudo a conexão com a Internet, o que comprometeu a qualidade dos grupos focais.

Por este motivo, os pesquisadores envolvidos no projeto optaram por realizar os grupos focais presencialmente. Assim, a análise da percepção de fronteiras sociais foi realizada através da organização de quatro grupos focais de forma presencial, durante o turno escolar dos alunos, quando estes tinham horários vagos (1º ano RP, 2º ano RP, 1º ano ano Multimídia e 3º ano Meio Ambiente, este último, no entanto, teve problemas técnicos no momento do registro, o que inviabilizou sua análise, ficando, assim, apenas três grupos analisados). Durante as entrevistas com estes grupos, buscou-se discutir diferentes temáticas relacionadas ao processo educacional, sobretudo as dificuldades relacionadas ao cotidiano escolar. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

Através de resumos das transcrições, foram criados esquemas com os diferentes temas abordados durante a realização das entrevistas para iniciar a análise dos diferentes discursos encontrados nos grupos estudados. Dentre os temas abordados, a pesquisa buscou analisar os seguintes: “Como se sentem em relação ao IF”, “Se consideram bons alunos” “O que faz um bom aluno” “o que os impedem de estudar mais e melhor” “Como vêem a família em relação aos estudos” “Quais os projetos de futuro”.

A partir da discussão desses temas, buscou-se identificar a forma como eles percebem a existência de fronteiras sociais atentando-se para as condições sociais em que eles estão inseridos.

Durante as entrevistas, buscou-se discutir diferentes temáticas relacionadas ao processo educacional, sobretudo as dificuldades relacionadas ao cotidiano escolar. Os GF's foram gravados em áudio e transcritos para texto.

Para estudar os diferentes discursos encontrados nos GF's, foram criados esquemas com os temas abordados durante a realização das entrevistas, utilizando como base, os textos das transcrições. Dentre os temas e questões indagadas, a pesquisa buscou explorar principalmente os seguintes: Como se sentem em relação ao IF? Se consideram bons alunos? O que faz um bom aluno? O que faz um mau aluno? O que os impede de estudar mais e melhor? Como vêem a família em relação aos estudos? e, Os projetos de futuro.

A partir da discussão desses temas, buscou-se identificar a forma como eles percebem a existência de fronteiras sociais, atentando-se para as condições sociais em que eles estão inseridos. Durante a pesquisa, foram realizados três GF's em turmas diferentes, com aproximadamente 25 estudantes em cada um, as turmas participantes foram o 1º e 2º anos do curso técnico integrado em Recursos Pesqueiros e o 1º ano em Multimídia. De modo geral, as entrevistas buscaram identificar três tipos de fronteiras educacionais: Fronteiras espaciais e materiais; Fronteiras socioculturais e; Fronteiras simbólicas.

5 As novas fronteiras sociais vivenciadas pela Geração Z: a individualização dos problemas sociais como novas barreiras

Para sintetizar os resultados dos GF's, as gravações de áudio foram transcritas. Alguns recortes pertinentes para compreensão do que foi coletado, estão evidenciados no Quadro 01, que foi dividido por tema ou pergunta realizada aos participantes da pesquisa, seguido de uma síntese das falas gravadas e posteriormente, alguns trechos de destaque.

Quadro 01 – síntese dos resultados dos Grupos Focais.

Temas	Síntese das falas	Frases em destaque
Como se sentem em relação ao IF?	Gostam da escola e se acham privilegiados em estudarem nela, mas é muito diferente das escolas de onde vieram, que era menos exigente. Avaliam que são alunos diferenciados por estudarem em uma instituição tradicionalmente considerada de qualidade, além de saírem dela já com uma profissão.	<p>“Na outra escola eu era considerada boa aluna, só tirava dez, mas aqui, a pessoa se acaba de estudar pra tirar um sete”.</p> <p>“O ensino é muito bom, mas é muito puxado, os professores são exigentes (...) a gente não tem tempo pra nada”.</p> <p>“Eu tenho orgulho de dizer que estudo aqui (...), mas aqui não é fácil”.</p> <p>“Meus pais queriam que eu estudasse aqui, porque é uma escola de referência e eu já posso sair com uma profissão”.</p>
Se consideram bons alunos?	Em sua maioria não se consideram bons alunos. Citam que as notas não representam o brilhantismo, pois há aqueles que filam. Não falam das condições materiais.	<p>“Qualquer um aqui pode ser inteligente, só basta querer. Todo mundo tem capacidade de aprender. Só que cada um aprende diferente. Não é que ninguém é burro ou sabe de nada. É porque cada pessoa tem um jeito de aprender. Todo mundo aqui na sala é inteligente, só basta querer”.</p> <p>“Tem gente que tira boa nota, mas não sabe de nada... estuda só pra tirar nota boa, e às vezes cola. Isso não é ser bom aluno.”</p>
O que faz um bom ou um mau aluno?	Para eles, a força de vontade e o esforço pessoal é o que fazem um bom aluno. Em alguns momentos falou-se em “estímulo” na infância ou em dinheiro, que pode ajudar na vida de um estudante.	<p>“É o esforço pessoal, a dedicação aos estudos. Depende de cada um. Todos têm capacidades de serem bons alunos”.</p> <p>“Isso é muito relativo, né? Às vezes a pessoa não teve tempo na vida de estudar... tem pessoas que estudam desde pequeno, que é estimulado (...) tem gente que vem de uma família que é acostumado a estudar desde criança”.</p> <p>“O grande problema é a falta de tempo, incentivo, concentração e dinheiro”.</p> <p>“A gente precisa de alimento para estudar e às vezes não tem, né?”</p> <p>“Estudar gasta. Às vezes a gente precisa de transporte, pagar almoço pra ficar o dia todo. Nem todos recebem o almoço¹. O dinheiro ajuda, mas não é só isso”.</p> <p>“Eu acho que o único problema da gente é a gente mesmo”.</p>
Como vêm a família em relação aos estudos?	Em sua maioria, as famílias apresentam dificuldades financeiras em casa, e os alunos sentem a responsabilidade de serem a mudança social almejada. Alguns alunos relatam que sofrem pressão em casa para começarem a trabalhar assim que terminarem o ensino médio. Mas, em sua maioria, os pais esperam a continuidade dos estudos após esta etapa.	<p>“Minha mãe terminou até a 8ª série e me estimulou e estimula até hoje a estudar. Então eu acredito que eu tenho que estudar pra ajudar ela”.</p> <p>“Minha mãe não vê a dificuldade que eu tenho na escola, mas eu entendo ela, porque ela não teve a mesma oportunidade que eu tenho.”</p> <p>“Minha mãe diz que eu tenho que priorizar meus estudos, mas eu fico com a consciência pesada... tipo... eu tenho que ajudar ela em casa”.</p> <p>“Eu tenho sempre o choque de pensamento... tento de todas as formas seguir com meu sonho. Sou eu que quero, não o que ele quer [o pai]. Em tese, ele não queria que eu estivesse aqui dentro. Queria que eu estudasse à noite e trabalhasse pra colocar dinheiro em casa.”</p>
Os projetos de futuro	Desejam ter dinheiro para comprarem tudo o que querem. Não sabem que carreiras seguir, mas querem algo que dê	<p>“Minha mãe diz pra eu pensar em algo que dê retorno rápido”.</p> <p>“Todos querem fazer o ENEM, mas não falam em saúde mental. Eu vou parar depois do fim do 3º ano. Vou cuidar da minha saúde mental”.</p>

¹ Em referência a Política Nacional de Assistência Estudantil, que se faz presente no *campus* por meio de auxílio para transporte e distribuição de almoço tipo “quentinhas”. No entanto, somente alguns estudantes são contemplados com o auxílio, pois o recurso que chega à instituição, provinda do Ministério da Educação, é insuficiente para atender a demanda de toda comunidade estudantil que necessita de auxílio para permanência e êxito.

	retorno financeiro para ajudarem às suas famílias. Todos querem continuar os estudos, pois acreditam que ele é a única saída para terem bons empregos, mas falam do cansaço mental como impedimento para fazerem planos imediatamente após o Ensino Médio.	“Eu queria ser artista, cantora, pintora, mas infelizmente, tudo que envolve arte no mundo, não dá dinheiro, a não ser que você seja herdeira, né? A gente precisa escolher o que dá dinheiro e não fazer o que a gente gosta.” “Esse lance de escolher uma profissão é muito cruel. Nós temos 15, 16 anos e... tipo... a gente precisa decidir o que vai fazer pra nossa vida inteira agora?... A gente só tem uma década e meia de vida!”
Vê injustiças na escola ou na educação?	Não conseguem ver injustiças na escola. Acreditam que a escola é justa, pois ela está aberta para quem quiser estudar.	“Eu acho que não [é injusta], a escola ajuda a todo mundo igualmente. O problema dos estudos é puramente uma questão individual. A gente precisa [...] encontrar o foco, é isso que a gente tem dificuldade e isso dá umas angústias.” “Alguns acreditam que ter dinheiro ajuda a estudar. Se eu tivesse mais dinheiro, eu não teria tanta preocupação”.

Fonte: dados da pesquisa.

Embora desde 2017, os investimentos em educação pública no Brasil venham diminuindo gradativamente, com a aprovação da emenda constitucional nº 95/2016, que institui o Novo Regime Fiscal – conhecido como teto de gastos públicos (BRASIL, 2016) e ainda, nos últimos quatro anos, este cenário tenha se intensificado durante o Governo Bolsonaro, é fato que os índices de acesso à educação básica no Brasil cresceram exponencialmente nos últimos 20 anos (INEP, 2021), resultado da ampliação de investimentos do Estado em políticas públicas para essa categoria. A absoluta maioria dos estudantes participantes da pesquisa, afirmaram que têm acesso à educação em um nível superior à de seus pais, eles consideram-se privilegiados por estudarem em uma instituição com ensino de excelência, estrutura tecnológica de qualidade, em comparação a outras escolas públicas, como computadores de mesa, que estão presentes em 99,5% das escolas de ensino médio federais, lousa digital, presente em 55,6% das mesmas escolas, internet para ensino e aprendizagem (91,8%), dentre outros. Todos esses recursos citados, então abaixo de 80% nas escolas públicas das redes estaduais e municipais (INEP, 2021, p. 23).

Os estudantes entrevistados não enxergam as dificuldades enfrentadas no cotidiano como uma problemática social e coletiva, como o transporte público/escolar precário, as ruas sem segurança e conforto para pedestres – como ausência de calçadas, de faixa de pedestres, de sinalização adequada e de arborização. Além de moradias em locais inadequados, o desemprego, a renda, a insegurança alimentar e o trabalho precoce. Para eles, estes são problemas de cada indivíduo e devem ser resolvidos individualmente, conforme suas próprias capacidades.

Para auxiliar na formação de um panorama sobre as características dos participantes, os dados socioeconômicos deles foram coletados por meio do sistema interno da instituição, que atualiza essas informações anualmente, durante o início do ano letivo. A origem escolar, isto é, a escola em que os alunos estudaram antes de ingressarem no IFPB – *campus* Cabedelo, é proveniente de escola pública para 74% dos participantes e de escola privada, para 26%. Em relação a autodeclaração étnico-racial, 72% se declaram pretos ou pardos e 27% se declaram brancos ou amarelos. A renda *per capita* na residência de 67% dos estudantes participantes do estudo é de zero até meio salário mínimo nacional, em 17% dos lares, é de meio até um salário mínimo nacional.

Neste sentido, destaca-se a importância de Políticas de Assistência Estudantil², como meio de equalizar essas dificuldades e diminuir a desigualdade no âmbito educacional:

(...) é preciso fazer a **defesa da igualdade como princípio dos direitos humanos**, da cidadania e da modernidade. Políticas de educação igualitária respondem por uma escolarização em que os estudantes possuem os mesmos direitos, sem nenhuma discriminação de sexo, raça, etnia, religião e capacidade, todos frequentando os mesmos *claustros*, isto é, tendo acesso, permanência e sucesso nas etapas da educação básica (CURY, 2005, p. 06, grifo nosso).

² Tais como auxílio alimentação, transporte e moradia.

A pluralidade da sociedade é uma característica positiva, não defende-se aqui que esta seja uniforme, mas que a dignidade da pessoa humana seja assegurada.

Não há sociedade que não seja plural em matéria de, por exemplo, meios sociais, culturas, sexo, etnias, religião e até mesmo de regiões. É dever do Estado gerir tais diferenças com isenção, competência e até mesmo com tolerância no âmbito público, assegurando a **coesão social pela construção de uma cidadania aberta a todos**, respeitados os princípios comuns da existência coletiva (CURY, 2005, p. 06, grifo nosso).

Apesar de apontarem dificuldades em seu cotidiano, essas características não são vistas como fronteiras sociais para a continuidade nos estudos pelos entrevistados, eles vêem isso com naturalidade e não enxergam a educação como um processo social, histórico, desigual e competitivo. Em seus discursos, nota-se relevante presença de pautas como meritocracia e autoculpa.

Durante a realização desta pesquisa, observou-se que tem sido cada vez mais comum, justificar a ordem social dominante com dificuldades em cuidar da saúde mental. A psicoterapia vem sendo utilizada como algo que deve ser diligenciado, diminuindo a atenção da sociedade com a problemática maior: as desigualdades no âmbito educacional no Brasil. Portanto, os questionamentos sobre fronteiras sociais e como elas se manifestam, ficam negligenciadas, conduzindo para a individualização dos problemas sociais. Neste sentido, Wilkinson e Pickett (2009), argumentam que as sociedades de baixa desigualdade, são sociedades em que as pessoas são menos atormentadas por estados de ansiedade:

A solução para os problemas causados pela desigualdade não é a psicoterapia em massa destinada tornar todos menos vulneráveis. A melhor maneira de responder aos danos causados por altos níveis de desigualdade seria reduzir a desigualdade em si. Em vez de exigir medicamentos ansiolíticos no abastecimento de água ou psicoterapia em massa, o que é mais empolgante no quadro que apresentamos é que ele mostra que a redução da desigualdade aumentaria o bem-estar e a qualidade de vida de todos nós (WILKINSON; PICKETT, 2009, não paginado).

Não há aqui, a defesa de que psicoterapia, acompanhamentos psicológicos e cuidados com a saúde não sejam relevantes. Na verdade, são importantes e contribuem para o bem-estar dos indivíduos, entretanto, ela não deve ser utilizada para camuflar o cerne do problema, que são as barreiras sociais que se constituem e separam os diferentes grupos que compõem a sociedade, aumentando a desigualdade entre eles.

Pouca atenção tem sido oferecida às questões sociais com os estudantes, é fundamental que a escola, para se tornar um espaço de formação cidadã, inclua no seu programa educativo, os debates sobre o papel das desigualdades na produção de fronteiras sociais, que são também psicológicas. No campo de estudo desta pesquisa (IFPB *campus* Cabedelo), por exemplo, a instituição fez uma parceria com uma faculdade privada de psicologia de João Pessoa, em que estagiários propõem semanalmente, discussões sobre Saúde Mental, deixando de lado os debates sobre desigualdade social, justiça social e políticas públicas para a juventude, o que, pode contribuir para uma cultura de desmobilização política da juventude.

6 Considerações finais

As fronteiras sociais discutidas neste estudo, estão presentes no cotidiano da maioria dos jovens que participaram desta pesquisa. Sobre os contextos de rupturas e continuidades discutidos aqui, os jovens compreendem que essas dificuldades existem, mas são problemas individuais, que cada um deve buscar uma resolução do seu meio.

Diante dos múltiplos contextos de dificuldades, nota-se uma pacificidade da juventude, em aceitar os desafios e problemas que a sociedade institui com muito conformismo e pouca indignação. Os resultados demonstram que os estudantes não têm consciência sobre a estrutura da sociedade em que vivem e não conseguem enxergar as barreiras sociais que se constituem ao seu redor.

Durante as análises dos GF's, notou-se que os estudantes têm críticas sobre a Escola, mas elas são construídas de forma individualizada, mesmo que os problemas que as envolvem sejam sociais e

coletivos. Críticas relacionadas às trajetórias de discontinuidades e as desigualdades que fazem parte do cotidiano deles foram ausentes.

Os jovens consideram que manter-se na escola é importante, pois ouvem esse discurso de terceiros, mas não qualificam essa trajetória como um processo prazeroso. Não foram citadas grandes perspectivas de futuro, além do lugar-comum “vencer na vida”. Para eles, dar continuidade aos estudos é uma exigência do grupo familiar, sentem que seus responsáveis depositam expectativa de uma vida melhor, pois eles estão estudando mais que a geração passada da família e em uma instituição de ensino com qualidade superior, de acordo com seus próprios discursos. Em contrapartida, algumas situações de familiares contra a continuidade dos estudos desses jovens também foram relatadas, devido a constituição de fronteiras sociais como um dos obstáculos para permanência e conclusão com êxito da etapa do ensino médio.

Financiamento

Esta pesquisa obteve financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do Edital n° 36/2021 – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – PIBITI/CNPq.

Conflito de interesses

Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Declaração do Conselho de Ética

Número do Parecer: 5.029.266.

Referências

BARTH, F. Les groupes ethniques et leurs frontières. dans Poutignat, P. et J. Streiff-Fenart, **Théories de l'ethnicité**, Paris, PUF, p. 203-249, 1969. (in French). Disponível em:

https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwj3i42y9e_0AhUvIJUCHXQHClcQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.coursum3.org%2Fflufr-5-sciences-du-sujet-et-de-la-societe%2F%3Fwpdf_download_file%3D%2Fhome%2Fchigo1vs%2Fwww8%2Fwp-content%2Fuploads%2Fcours%2FUFR5%2FD%25C3%25A9partement%2520de%2520Sociologie%2F13%2Fethnologie%2FBarth-Groupes_ethniques.pdf&usg=AOvVaw1_FXMzWe5Fmp4gh9frNgUE. Acesso em: 10 mar. 2022.

BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, P. *Capital Cultural, Escuela y Espacio Social*. México: Siglo Veinteuno, 1997. (in Spanish).

BRASIL. Decreto de 22 de março de 1999. Dispõe sobre a implantação do Centro Federal de Educação Tecnológica da Paraíba. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 22 mar. 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/anterior%20a%202000/1999/dnn7980.htm. Acesso em 10 mar. 2022.

BRASIL. Decreto-Lei n° 4.127, de 25 de fevereiro de 1942. Estabelece as bases de organização da rede federal de estabelecimentos de ensino industrial. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 25 fev. 1942. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4127-25-fevereiro-1942-414123-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 23 fev. 2022.

BRASIL. Decreto n° 7.566, de 23 de setembro de 1909. Crêa nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 23 set. 1909. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1900->

1909/decreto-7566-23-setembro-1909-525411-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 23 fev. 2022.

BRASIL. Decreto nº 16.782-A, de 13 de janeiro de 1925. Estabelece o concurso da União para a difusão do ensino primário, organiza o Departamento Nacional do Ensino, reforma o ensino secundário e o superior e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Rio de Janeiro, DF, 13 jan. 1925. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1910-1929/d16782aimpressao.htm. Acesso em: 11 jan. 2022.

BRASIL. Emenda constitucional nº 95, de 2016. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 16 dez. 2016. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/emecon/2016/emendaconstitucional-95-15-dezembro-2016-784029-publicacaooriginal-151558-pl.html>. Acesso em: 11 dez. 2022.

BRASIL. Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937. Dá nova, organização ao Ministerio da Educação e Saude Publica. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 13 jan. 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1930-1949/l0378.htm. Acesso em: 23 fev. 2022.

BRASIL. Lei nº 3.412, de 18 de junho de 1958. Denomina Escola Industrial Coriolano de Medeiros a Escola Industrial de João Pessoa. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 18 jun. 1958. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3412.htm. Acesso em: 23 fev. 2022.

BRASIL. Lei nº 4.759, de 20 de agosto de 1965. Dispõe sobre a denominação e qualificação das Universidades e Escolas Técnicas Federais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 ago. 1965. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/l4759.htm. Acesso em: 23 fev. 2022.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 29 dez. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 23 fev. 2022.

BRASIL. **Sobre o IFPB**. Diretoria-Geral de Tecnologia da Informação (Reitoria). Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/institucional/sobre-o-ifpb>. Acesso em: 28 mar. 2022.

CANDEIA, L. **Mente amore pro patria docere**: a Escola de Aprendizes Artífices da Paraíba e a formação de cidadãos úteis à nação (1909 – 1942). 2013. Tese – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

COLARES, M. L. I. S. Permanências, rupturas e desafios na educação brasileira. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 28, n.1, 2021. Disponível em: <https://periodicoseltronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/15141>. Acesso em: 08 dez. 2022.

CURY, C. R. J. Políticas inclusivas e compensatórias na educação básica. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 124, p. 11-32, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/Sf9vRvx9f3TkJp4nLXn9ZrR/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FREDRIK, B. Pathan identity and its maintenance. *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference*, Universitets Forlaget. **Allen & Unwin**, Bergen-Oslo, Londres, 1969. (in English).

GOSSERIES, A. As gerações, o rio e o oceano. *Católica Law Review*, Lisboa, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/catolicalawreview/article/view/1973>. Acesso em: 03 dez. 2022. DOI: <https://doi.org/10.34632/catolicalawreview.2017.1973>. (in Portuguese).

GUERIN, C. S. G.; PRIOTTO, E. M. T. P.; MOURA, F. C. Geração Z: A Influência da Tecnologia nos Hábitos e Características de Adolescentes. *Revista Valore*, Volta Redonda, v. 3 (Edição Especial): 726-734, 2018. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/187>. Acesso em: 02 dez. 2022.

HAESBAERT, R. (2004). Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade. In **Anais do I Seminário Nacional sobre Múltiplas Territorialidades**. Porto Alegre: Programa de Pós-graduação em Geografia da UFRGS. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjGwtShlaX1AhVlrZUCHZr7CmMQFnoECAMQAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.ufrgs.br%2Fpetgea%2FArtigo%2Frh.pdf&usg=AOvVaw1eh8SL-q1FYU8M3xO4_IWv. Acesso em: 09 jan. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Portal Cidades - Cabedelo**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cabedelo/panorama>. Acesso em: 01 abr. 2022.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Portal Cidades - João Pessoa**, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/joao-pessoa/panorama>. Acesso em: 01 abr. 2022.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2021**. Divulgação dos Resultados. Diretoria de Estatísticas Educacionais, Brasília, 2021. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwjqx7v5ucn7AhWZRzABHQLAASYQFnoECE8QAQ&url=https%3A%2F%2Fdownload.inep.gov.br%2Fcenso_escolar%2Fresultados%2F2021%2Fapresentacao_coletiva.pdf&usg=AOvVaw1MILeSCDB4VEVwcvkBuulb. Acesso em: 20 nov. 2022.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Estatísticas da Educação Básica no Brasil**. Relatório para a Conferência Internacional de Educação em Genebra, Brasília, 1996. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjqx7v5ucn7AhWZRzABHQLAASYQFnoECE0QAQ&url=https%3A%2F%2Fdownload.inep.gov.br%2Fpublicacoes%2Finstitucionais%2Festatisticas_e_indicadores%2Festatisticas_da_educacao_basica_no_brasil.pdf&usg=AOvVaw2Tynj2xUdtfu-9ZnE5BDDV. Acesso em: 19 nov. 2022.

KÄMPF, C. A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento. **ComCiência**, n. 131, Campinas, 2011. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 02 dez. 2022

LABACHE & MARTIN. Fronteiras, Trajetórias e Experiências de Rupturas. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 103, p. 333-354, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 25 nov. 2022.

MOROMIZATO, M. S.; FERREIRA, D. B. B.; SOUZA, L. S. M.; LEITE, R. F.; MACEDO, F. N.; PIMENTEL, D. O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índícios de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. **Revista Brasileira de Educação Médica**. v. 41, n. 4, p. 497-504, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbem/a/h64tYKYMwXDmMJ7NGpmRjtN/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2022.

MOURA, D. H.; LIMA FILHO, D. L.; SILVA, M. R. Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 63, out-dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XBLGNCtcD9CvkMMxfq8NyQy/?lang=pt>. Acesso em: 03 abr. 2022.

PASSERO, G.; Engster, N. E. W.; Dazzi, R. L. S. Uma revisão sobre o uso das TICs na educação da Geração Z. **Renote**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, 2016. DOI: 10.22456/1679-1916.70652. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/70652>. Acesso em: 02 dez. 2022.

RECUERO, R.; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no Facebook: o caso da *fanpage* “Diva Depressão”. **Galaxia**, São Paulo, n. 26, p. 239-254, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/gal/a/m4kz3SJg8bVWCYBTxcbg6qx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 02 dez. 2022.

REFORMAS EDUCACIONAIS - CPDOC, FGV. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiA86fHlvj1AhX5HrkGHS0EBGIQFnoECAMQAQ&url=https%3A%2F%2Fcpdoc.fgv.br%2Fsites%2Fdefault%2Ffiles%2Fverbetes%2Fprimeira-republica%2FREFORMAS%2520EDUCACIONAIS%2520.pdf&usg=AOvVaw0e01vKqM6f5XIVOekhuY2Z>. Acesso em: 25 jan. 2022.

RODRIGUES, A. L. Fronteira e Território: considerações conceituais para a compreensão da dinâmica do espaço geográfico. **Revista Produção Acadêmica - NURBA**, Porto Nacional, n. 02, p. 139-157, dez. 2015. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&ved=2ahUKEwiinsLUSfD0AhV7HrkGHV4-CakQFnoECAsQAQ&url=https%3A%2F%2Fsistemas.uft.edu.br%2Fperiodicos%2Findex.php%2Fproducaoacademica%2Farticle%2Fdownload%2F2002%2F8646%2F&usg=AOvVaw0FfgwTdu1wYfINd03vBBMi>. Acesso em: 17 fev. 2022.

SAINT MARTIN, M.; GHEORGHIU, M. D.; BAUCHAT, B.; GRUSON, P.; LABACHE, L.; HEREDIA, M.; MERKLEN, D.; ROCHA, D.; VARI, J.; JOINT, L. A. Education et Production des Frontieres Sociales. **Education et formation**. Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, Paris. 2007. (in French).

SAINT-MARTIN; GHEORGHIU, M. (dir.). Éducation et frontières sociales. **Un Grand Bricolage**, Michalon, 2010. (in French).

SANTOS, C. F.; ARIENTE, M.; DINIZ, M. V. C.; DOVIGO, A. A. **O Processo Evolutivo entre as Gerações X, Y e Baby Boomers**. Disponível em: <http://sistema.simead.com.br/14simead/resultado/trabalhosPDF/221.pdf>. Acesso em: 03 dez. 2022.

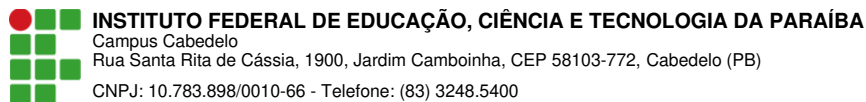
SETZER, V. W. **Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos**. Depto. de Ciência da Computação, Instituto de Matemática e Estatística da USP. 2014. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html#5>. Acesso em: 02 dez. 2022.

SILVA, M. L.; TOURINHO, H. L. Z. **Território, territorialidade e fronteira: o problema dos limites municipais e seus desdobramentos em Belém/PA**. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/6PymgxZHVysfPDbZBjmGkZJ/?lang=pt>. Acesso em 09 jan. 2022.

SUHET, I. **Alunos da Rede Federal obtêm melhores médias no Enem 2014, diz estudo divulgado pelo Inep**. 2017. Disponível em: <https://portal.conif.org.br/br/component/content/article/84-ultimas-noticias/1733-alunos-da-rede-federal-obtem-melhores-medias-no-enem-2014-diz-estudo-divulgado-pelo-inep>. Acesso em: 05 jan. 2022.

WCEFA (World Conference on Education for All). **Declaração mundial sobre educação para todos e plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, Tailândia, 1990.

WILKINSON, R; PICKETT, K. The Spirit Level: why more equal societies almost always do better. John Carey, **The Sunday Times**, Londres, 2009. (in English). Available at: https://www.researchgate.net/profile/Gerry-Mooney/publication/227621400_The_Spirit_Level_Why_More_Equal_Societies_Almost_Always_Do_Better/links/58779b2c08ae329d6227fef1/The-Spirit-Level-Why-More-Equal-Societies-Almost-Always-Do-Better.pdf?_sg%5B0%5D=started_experiment_milestone&origin=journalDetail. Accessed on: 24 nov. 2022.



Documento Digitalizado Ostensivo (Público)

TCC final

Assunto: TCC final
Assinado por: Diego Morais
Tipo do Documento: Anexo
Situação: Finalizado
Nível de Acesso: Ostensivo (Público)
Tipo do Conferência: Cópia Simples

Documento assinado eletronicamente por:

- **Diego Morais de Araújo, ALUNO (201917020039) DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS - CABEDELO**, em 27/09/2023 08:50:53.

Este documento foi armazenado no SUAP em 27/09/2023. Para comprovar sua integridade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse <https://suap.ifpb.edu.br/verificar-documento-externo/> e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 954913
Código de Autenticação: 50ba313ebd

